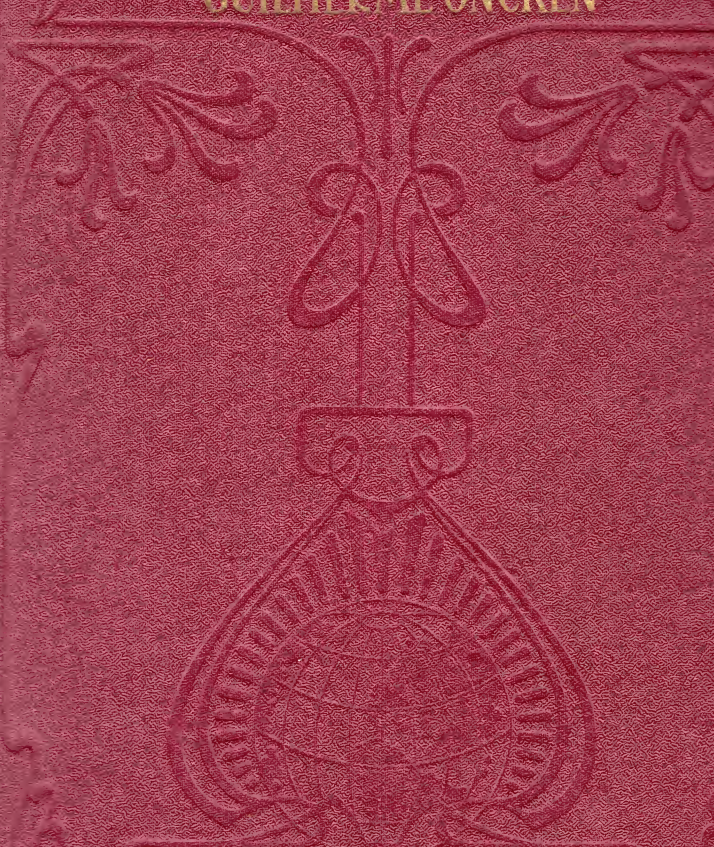


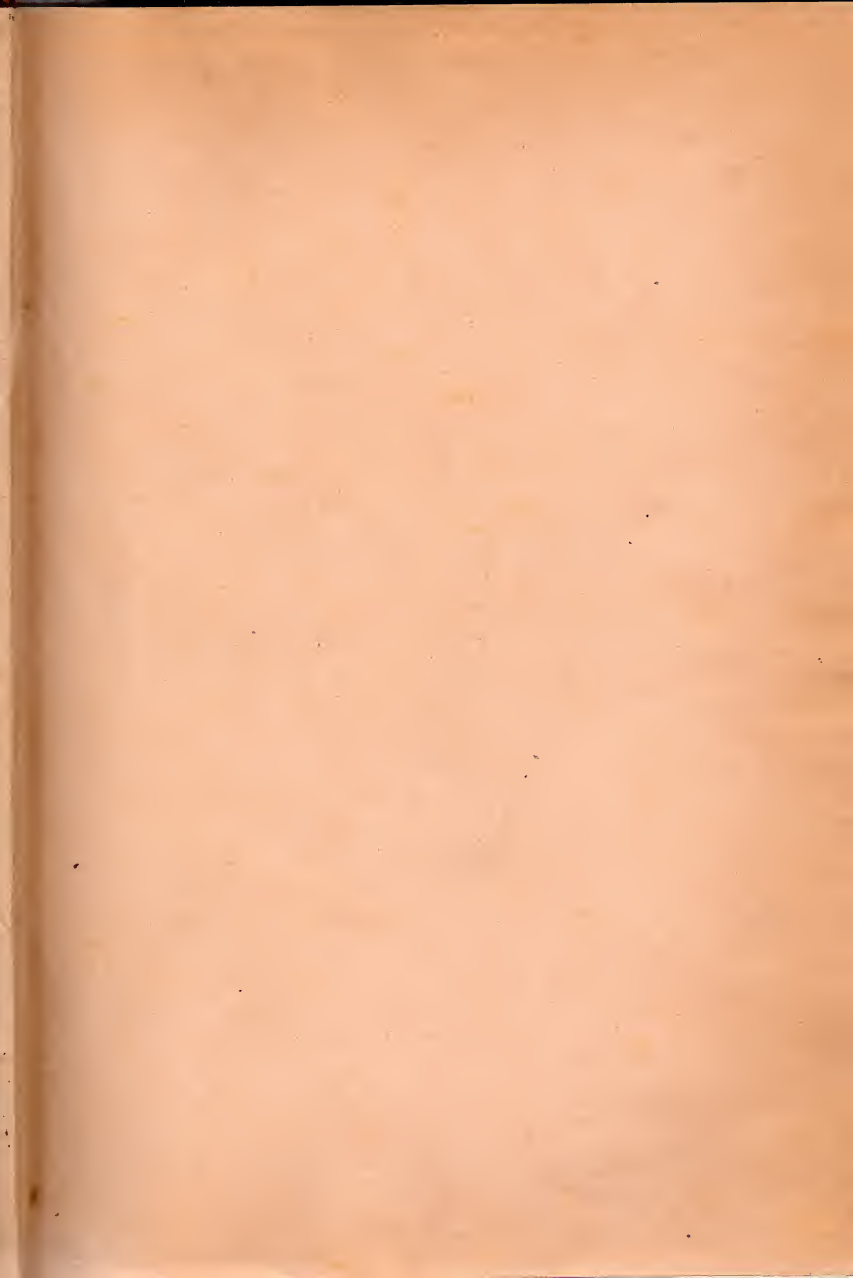
HISTORIA UNIVERSAL

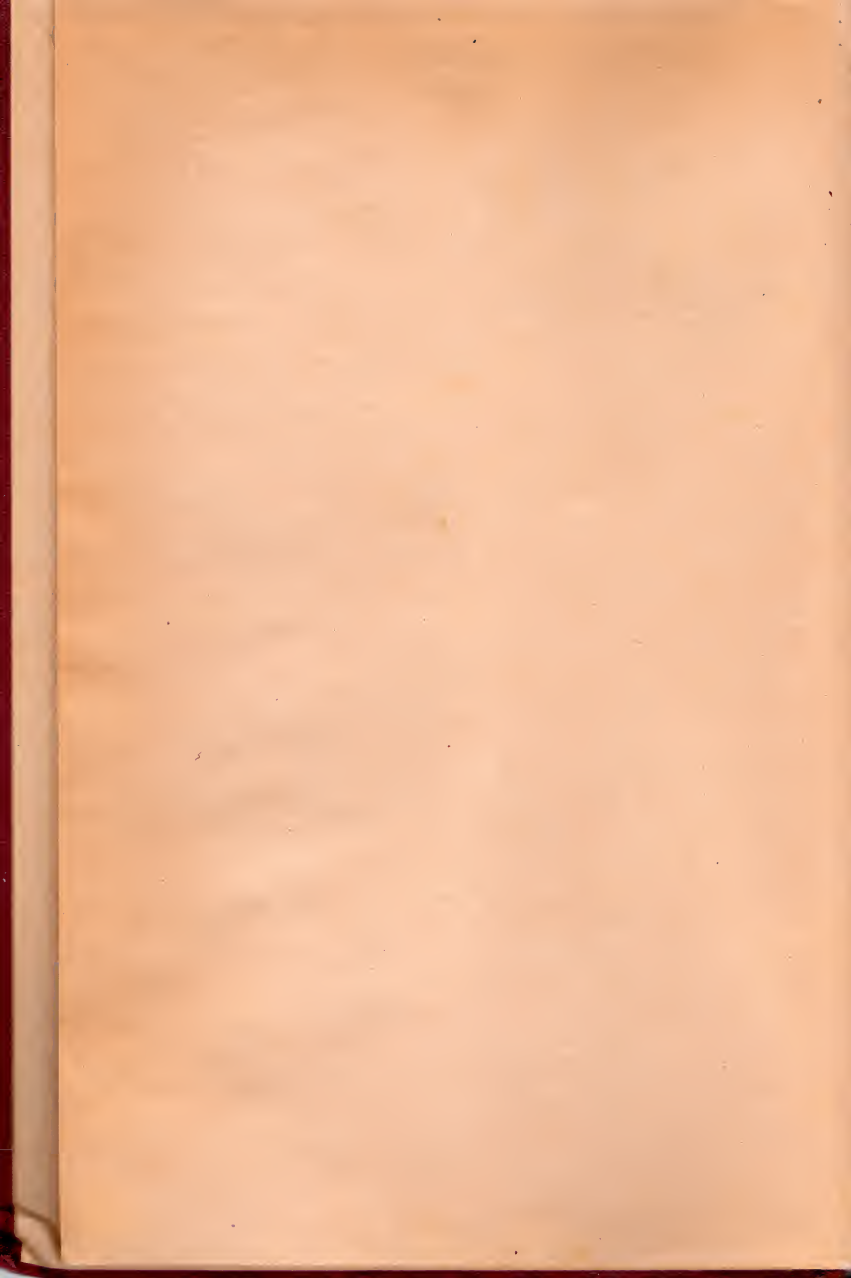
POR
GUILHERME ONCKEN



ANTIGA CASA BERTRAND







HISTORIA UNIVERSAL

EDITORES E PROPRIETARIOS, JOSÉ BASTOS
& C.^ª—COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO NA TYPO-
GRAPHIA DA ANTIGA CASA BERTRAND
—RUA DA ALEGRIA, 100—LISBOA * * *

G. ONCKEN

HISTORIA UNIVERSAL

Traduzida em portuguez
por um grupo de Professores e Homens de Lettras
sob a direcção de

CONSIGLIERI PEDROSO

*Director e professor de historia do Curso Superior de Lettras,
Presidente da Sociedade de Geographia,
socio effectivo da Academia Real das Sciencias, etc.*

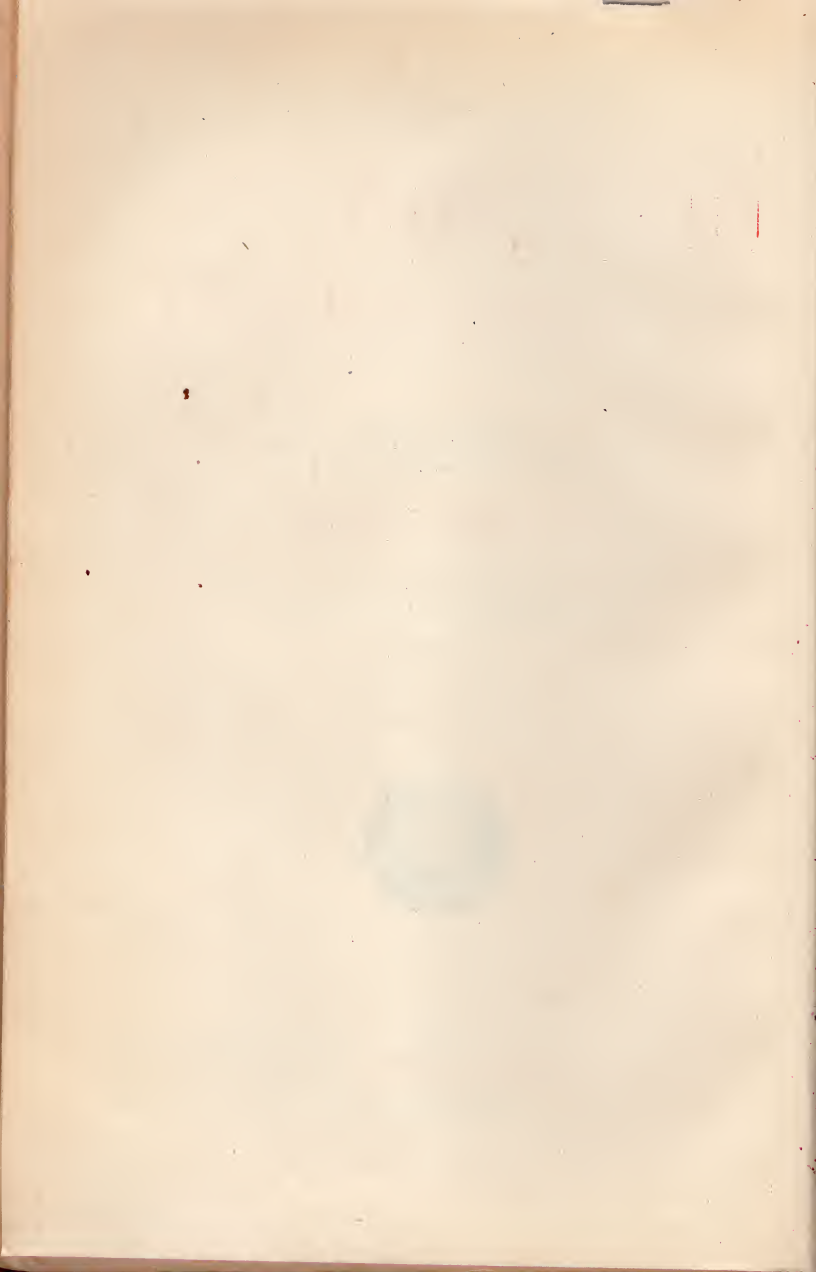
VOLUME II



LISBOA

Antiga Casa Bertrand — JOSÉ BASTOS & C.^a — Editores

73-RUA GARRETT-75



HISTORIA DA ANTIGA PERSIA

PELO
DOUTOR VERNANDO JUSTI

Livro primeiro

REMINISCENCIAS DOS TEMPOS MAIS REMOTOS

Dominio dos medos

 Os persas pertencem á familia dos habitantes da India, dos gregos, italicos, slavos, germanos e celtas. Quando emigraram do seu paiz primitivo para a terra do Iran, encontraram ahi um povo mais antigo, cujos vestigios se descobrem em muitas passagens da historia. A população arica designava-o pelo nome de *diva*, que quer dizer *genios, espiritos* ou *gigantes*.

Esta população primitiva fundiu-se com a massa dos vencedores, ou foi exterminada na lucta de raças.

Pelas descripções dos antigos, e pelos escriptos que os iranios nos legaram, vê-se que este povo era constituido por individuos de surprehendente belleza e elevada estatura, dotados dos mais alevantados sentimentos de honra e de moralidade.

A par dos calculos egoistas e dos erros historicos que a Biblia nos apresenta ácerca da epoca dos patriarchas, e ainda a par dos escriptos do tempo em que a religião hebraica já estava completamente formada, resplandece a superioridade dos iranios com um brilho que nos espanta, por ser a sua religião inferior á mosaica.

Os persas de hoje são, já por um despotismo secular, já pela extinção das riquezas naturaes do paiz, um povo degenerado; só os parsis da India, que não se deixaram subjugar pelo islamismo, nos podem dar hoje uma ideia do character pundonoroso dos antigos persas.

A historia dos persas começa com a destruição do imperio medico. Os persas, até então sujeitos á Media, arrancaram o sceptro ao rei d'este paiz e augmentaram o seu imperio com amplos e novos territorios, de fórma que todos os paizes do Oriente, representantes da mais remota civilisação, chegaram a obedecer a um só "rei dos reis."

A Media, no emtanto, occupava o primeiro logar, que mais tarde cedeu ao districto de Parsis, patria de Cyro; desde então a historia do imperio persa une-se com a da Media e a da Assyria.

A historia da Media remonta á maior antiguidade. Antes dos persas e dos semitas se estabelecerem nos paizes que mais tarde occuparam definitivamente, uma grande parte do imperio assyrico, e depois, do persa, estava, desde remotissimos tempos, habitada por povos scythas, cujo idioma tinha um ligeiro parentesco com o dos finnezes do Ural e com o turco. O seu territorio ficou depois reduzido áquella vasta região, que se estendia entre os dominios das outras duas nações, a Media e a Susiana.

O vocabulo Media é scythico e significa "terra, paiz". Beroso, sacerdote babylonico, nascido pouco mais ou menos 330 annos antes da era christã, refere nos fragmentos das suas historias babylonicas, que nos foram legadas por diversos auctores gregos, que depois do grande diluvio reinaram n'aquelle paiz, durante 224 annos, oito reis medicos, o primeiro dos quaes se chamava Zoroastro.

Suppõe-se que estes medos, cujo dominio deve ter principiado pelos meados do terceiro millenio antes de Jesus Christo, eram uma tribu arica que tinha sahido do interior do Iran para conquistar os paizes visinhos e que, dois seculos depois, foi expulsa por uma dynastia indigena.

Embora aquella conquista fosse de curta duração, as tribus iranianas conseguiram estabelecer-se definitivamente mais a leste, entre a população scythica, que subjugaram ou exterminaram para sempre, prolongando-se por largo tempo a lucta pela supremacia entre as duas raças.

Era tão grande a importancia do elemento scythico na nação, no tempo dos Achemenidas, que estes principes acharam conveniente gravar ao lado das inscrições persas uma traducção babylonica e scythica.

Herodoto distingue no povo medico as seguintes classes: *busas*, *paretacenos*, *strucates*, *arizantos*, *budas* e *magos*, ou, por outra, os autochtonos ou habitantes primitivos do paiz, os nomadas, os pastores, os dominadores aricos, os donos das terras e os sacerdotes.

As expedições de conquista dos assyrios contra a Media não obtiveram senão exitos passageiros e contribuiam para dar mais força ao elemento arico, pois acostumaram os scythas a ver nos dominadores aricos, os defensores da sua independencia contra os assyrios.

Fala-se de um rei medo, Pharnos, que em tempos remotos foi vencido e crucificado pelos assyrios, dado historico que provavelmente foi fornecido pela tradição popular. N'esse tempo, dizem, os assyrios construíram um caminho strategico que, passando pelo Zagros, conduzia á Media. Xenophonte atravessou este caminho quando passou ao pé dos montes Carducus; foi tambem utilizado nas guerras entre os persas e Bysancio, e ainda hoje se conhece por uma serie de monumentos. Partia de Ninive, passando por Arbela, e depois directamente pelas montanhas, tomando o rumo nordeste, e ia dar ás planicies da Atropatena.

No alto do desfiladeiro de Zagros, entre Rovandiz e Uschnei, nas immediações de Sidek, levanta-se sobre um pedestal uma columna de pedra azul escura, com seis pés de alto, á qual os medos dão o nome de Kelischin. Esta columna, na face que olha para o oriente, tem gravada uma inscrição medica cuneiforme, que consta de 41 linhas. A cinco horas de distancia d'esta, na direcção de Sidek, existe um segundo Kelischin. Em Sirgan, perto de Uschnei, a estrada toma a direcção de leste e de sudeste, indo de Sihna a Ecbatana.

Este caminho cobre-se de neve no inverno; era então preciso utilizar outro, que, partindo de Arbela e passando pelos mananciaes de naphta de Kerkuk (Mennis), por Soleimonia e pela planura de Shahrizur, penetrava por um desfiladeiro do monte Za-

gros, perto de Kirrind, e vinha desembocar no valle de Kermanshah, que acaba junto do monte Alvand em Hamadan (Ecbatana).

Esta estrada acha-se indicada pelas ruínas de muitos monumentos, pertencentes a todas as épocas.

Butkaneh, ou o templo dos idolos, é um lugar com esculturas antigas; perto de Shahrizur existia no tempo da conquista dos arabes a antiga cidade de Nimra, cujo nome conserva a recordação do de Namiri, tão frequentemente citado nas inscrições assyricas; na planura de Hurin ha ruínas de uma cidade que parece babylonica; perto d'esta, na garganta de Scheikan, pode ver-se n'um penedo uma escultura com inscrições cuneiformes.

A estrada passa depois por diante de um portico de marmore, chamado Tak i Girrah. A planura de Kermanshah está cheia de ruínas, quasi todas do tempo dos Sassanidas; muitas são em estylo grego.

Nos rochedos de Behistan vêem-se ainda várias esculturas, que depois mencionaremos; os palacios de que nos falam os antigos, parecem ter sido substituidos pelo palacio do Kosso Parvez, construido ao pé da montanha.

Os medos são citados com frequencia nas inscrições assyricas, nas quaes se conservam tambem os nomes de muitas cidades, cuja situação, como é de suppor, se torna difficil fixar.

O assyrio Teglathphalasar, que reinou aproximadamente desde 1130 até 1080 antes de Christo, é o primeiro que fala de uma expedição á Armenia e á Media; Salmanasar, que reinou nos meados do seculo IX, teve tambem de lutar com os medos. Disseram os assyrios, que os medos, juntamente com outros povos que viviam para o Oriente, foram submettidos durante o reinado de Bin-nirasi (809-780). Nas inscrições do tempo do se-



Differentes ornatos assyricos.

gundo Teglathphalasar (744-726) os sagâncios apparecem estabelecidos na região de Sultania.

O facto de Sargão (721-704) ter que levantar fortalezas para proteger a Assyria contra os medos, demonstra claramente que não deram resultado as tentativas feitas pelos assyrios para os subjugar; prova-o tambem uma inscripção do tempo de Esarhaddão (680-669), na qual este rei diz que nenhum dos seus antecessores poude submitter aquelle povo.

Pelas inscripções assyricas vemos que a Media estava dividida n'um sem-numero de principados; a descripção feita por Herodoto da conducta de Dejoces antes de subir ao throno, dá a entender que os principes compartilhavam do poder com os notaveis das assembleias populares. Com effeito, o poder do principe, limitado pela aristocracia, conserva-se ainda hoje, desde remotos tempos, nas tribus que vivem em grande liberdade.

O *Avesta*, ou livro sagrado dos sectarios de Zoroastro, mostra-nos este estado de cousas e esta constituição no tempo dos Achemenidas; diz que os chefes de familia, de tribu, de districto e de provincia, governavam por seu proprio alvedrio, sem menoscabo do direito do *rei dos reis*.

Os kurdos, que occupam o paiz em que d'antes habitavam os medos, teem conservado até hoje esta antiga constituição: dividem-se em tribus, classes e familias, as quaes se reúnem em assembleias populares, para deliberar sobre assumptos de commum interesse.

A tribu dos mikrikurdos divide-se em 20 familias: os bilbas em 3 grupos: o primeiro em 12 sub-grupos, o segundo em 5, em 8 o terceiro; os duschiks estão divididos em perto de 20 familias, á cabeça de cada uma das quaes está um chefe (beg). O mais pequeno d'estes grupos consegue pôr em pé de guerra alguns milhares de homens.

Entre os baktiars, affins dos kurdos, e situados na Media meridional na direcção de Ispahan, ha uma grande tribu, chamada Haftleng, que está fraccionada em cinco tribus mais pequenas; uma d'estas conta 15 divisões, com um total de 4000 familias. Estas tribus estão unidas ao seu chefe por laços de verdadeira e cordial estima. Rich conheceu um kurdo que depois de acompanhar voluntariamente o seu chefe no captivo, em Bagdad, se suicidou quando elle morreu.

Ao passo que os kurdos e os baktiars vivem sob o regimen de uma aristocracia feudal, os luros, seus irmãos (a noroeste dos baktiars, na região superior de Kercha) não teem chefes propriamente ditos, mas constituem uma republica federal.

Conhecemos muito bem a organização das tribus dos afghans no Iran oriental, chamado pelos antigos Paropamisos. O chefe da familia responde por ella: cada dez chefes de familia obdecem a um ancião; cada dez ou doze d'estes estão submettidos a um kandidase ou chefe de secção; estes estão por sua vez ás ordens de um malik ou muchir, e estes escolhem um chefe entre as familias mais antigas.

Um numero indeterminado d'estes grupos constitue um Kail, cujo chefe adopta o titulo de Khan: a seu lado ha um conselho de chefes dos diversos grupos, e todos os negocios interiores são dirigidos pelo Khan, embora com intervenção e approvação do Conselho. Ha, no emtanto, tribus afghans a leste que não teem Khan, e nas quaes, por consequencia, estão quebrados os laços de união entre as familias da tribu; ás vezes, comtudo, algumas secções do Kail reúnem-se n'uma Gundi, especie de assembleia de irmãos de armas.

Falando dos antigos persas, Herodoto cita dez tribus, entre as quaes a dos pasargadas exercia a hegemonia ou poder directivo: a familia mais distincta d'esta tribu era

dos Achemenidas, na qual se escolhiam os príncipes da Persia depois de confirmada a sua nomeação pelo rei dos reis, e por consequencia pelo monarcha medico, quando existia este imperio.

Attendendo a esta organização politica na antiga Media, comprehende-se facilmente que o facto de Dejoces subir ao throno, como diz Herodoto, foi o resultado natural d'essa organização.

Dejoces, filho de Phraortes, gozava de grande consideração entre os individuos da sua própria tribu e das tribus, pela sua rectidão e justiça. Conseguiu collocar debaixo da sua dependencia os outros principados medicos, e parece que chegou a este resultado sem difficuldades, attendendo a que os medos tinham necessidade de um poder grande e energico, para fazerem frente aos assyrios.

Quando Dejoces alcançou o poder supremo, ou a dignidade real, mandou construir immediatamente uma cidade bem fortificada; como os reis assyrios, rodeiou-se de uma côrte e de uma guarda d'honra, e introduziu tambem o costume de ninguem se lhe dirigir sem seu consentimento; entendia que assim como os egypcios se faziam venerar como deuses, elle e os outros monarchas asiaticos deviam fugir dos olhares profanos do povo. As relações d'este com o rei mantinham-se por intermedio de funcionarios especiaes, cujo dever era apresentar por escripto as pretensões do povo; a vigilancia e ordem de todas as partes do reino, estavam confiadas a inspectores, como na epocha dos Achemenidas.

A tribu, cujo primeiro chefe foi Dejoces (o rei Sargão chama ao seu principado Bit-Dayauku) occupava indubitavelmente o logar onde elle mandou levantar a cidade para sua residencia imperial, Ecbatana, situada n'uma vasta planice, nas abas do monte Alvand (Orontes). Vindo de Teheran, e depois de chegar ao cimo do citado monte, vê-se um enorme rochedo dominado pelo Alvand, cujo cume está, por sua vez, na parte septentrional, egualmente dominado por uma segunda serra, que se levanta ao fundo.

Do sopé do Alvand partem suaves encostas que vão terminar n'uma bem regada planicie; era sobre estas encostas que se levantava a cidade circumdada de arvores. Na parte sudoeste da povoação existe, n'uma collina formada pela mão do homem, o castello chamado Ark, hoje convertido em logar de oração, no mesmo sitio em que estava o antigo castello real medico. Das antigas construcções apenas resta uma torre. Encontrou-se ahi um leão de marmore e um pedestal de columna, completamente igual aos encontrados em Persepolis, o que demonstra que os Achemenidas (provavelmente Dario I) construíram um palacio de pedra junto ao de madeira levantado por Dejoces. O geographo Zakuto viu ainda ali, nos principios do seculo XIII, uma solida abobada.

Dario e Xerxes mandaram gravar várias inscrições n'uma rocha de porphyro, no meio de um deserto cheio de penhascos de aspecto selvageni, atravessado por torrentes que se precipitam com estrepito na cordilheira.

A pouca distancia d'aqui, n'uma escarpada elevação, ha uma plataforma quadrangular, antigo sitio destinado ao fogo sagrado, e aonde ainda hoje os persas vão em peregrinação.

Os muros que circumdavam o castello real constituíam sete recintos concentricos, cujas ameias estavam pintadas de branco, negro, encarnado, azul e alaranjado; as duas muralhas mais interiores tinham o parapeito coberto de laminas de ouro e de prata. O palacio de madeira e o templo de Anahita estavam tambem enfeitados com estes metaes.

É também n'esta zona meridional que tem origem os dois braços do Tigre, o occidental não longe das origens do Euphrates, e o oriental na vertente que corresponde ao sul do lago de Van. O Chorrok (Akampsis), que depois de percorrer o paiz dos *kalybes* e dos *saspíres* desembocca no Mar negro, é também um rio notavel.

Entre a extremidade meridional e os planaltos de Airarat (paiz dos Alarodios), encontram-se as cordilheiras que constituem a continuação do Elbur ou região septentrional do Iran, passando pelo norte do lago de Urmia (chamado pelos antigos Kapauta, quer dizer, azul) e circumdam, com os seus nevados picos, o lago de Van (Thospitis).

Os caminhos que facilitaram á Armenia as suas communicações com o mundo antigo, são as grandes vias militares de Susa e Sardes, que comprehendiam uma grande extensão de territorio na parte sul do paiz, e a via de Melitene que passa por Daskusa, Eriza (Erzingan) e Erzerum, em direcção ao centro da Armenia, onde junto á parte superior do Araxes se encontram as antigas capitães Erovandachat (na desembocadura do Akurean), Valachapat (nas immediações do paiz dos patriarchas, Echmiadzin), Dovin, Artaxata (hoje Ardacher) e Armavir; e mais ao norte, nas pedregosas margens do Akurean, Aní, residencia dos reis bagratidicos durante a Edade media e seguindo mais para diante, rio abaixo, Naxuana, onde a via passa da Atropatene para a outra banda do rio. Depois de atravessar altos desfiladeiros, o caminho segue em direcção a Tiflis e á antiga capital da Georgia, Metzketha. Aqui, atravessando as montanhas, desce ao valle do Phasis (Rion), continua pela Colchida, atravessando Kutais, antiga residencia dos reis imerethicios, o paiz d'onde os medos são originarios, até ao Mar negro e ao norte pelas portas dos Alanos, subindo ao alto do Caucaso.

Os 10000 gregos commandados por Xenophonte, quando chegaram a Sapphe, dirigiram-se para o norte pela região dos Karducos (Kurdos), atravessaram o Centrites (Bohtanchai ou Tigre oriental), ponto em que os caminhos se bifurcam em direcção ao lago Van e a Manavazkert, cruzaram o Teleboas (rio de Musch), chegaram em seguida ao valle do Phasis, isto é, do Araxes, no paiz de Basean (Phasiana) e depois de terem transposto a cordilheira pela parte superior do valle por onde desliza o Chorrok, vieram ter á costa de Trebisonda.

A Armenia foi habitada desde os mais remotos tempos até ao seculo VII proxima-mente, por um povo que deve ser considerado como pertencente á familia dos georgianos do Caucaso.

Este povo deixou, principalmente em Van, grande quantidade de monumentos com inscrições cuneiformes, que nos fornecem elementos para conhecermos o nome de uma serie de reis da Armenia.

Herodoto chama alarodios a este antigo povo, nome que é um hellenismo de Urartu nas inscrições assyricas ou Urastu (nas achemenidas); este subsiste ainda no nome do paiz, Airarat.

No seculo IX o reino de Urartu exercia a sua soberania sobre os outros principados da Armenia, entre os quaes são citados Musasir (ao norte do lago Van), Mildich (no districto de Maku), Milidda (Melitene) e Van.

N'esta epoca, e ainda posteriormente, a Armenia dividia-se em pequenos cantões, muito difficeis de reunir n'um só reino, por causa das condições naturaes do paiz, que é cheio de valles de difficil accesso, e não possui senão uma planicie notavel, junto ao Araxes. Por estas razões, um reino armenio que estendesse o seu dominio sobre o paiz nunca podia ser duradouro; além d'isso, os grandes imperios limitrophes tiveram sempre o cuidado de conservar sob o seu dominio um territorio tão importante debaixo

do ponto de vista strategico, territorio que era atravessado pelas grandes vias de comunicação do norte para o sul e do oeste para leste.

Pelas inscrições alarodicas e assyricas, sabemos que a principal divindade dos alarodios era Haldia, cujo templo principal se encontrava em Musasir. Esta divindade constituia uma trindade com o deus do firmamento e o do sol; era, por consequencia, provavelmente a lua. Em Khorsabad conserva-se n'um baixo relevo um desenho do citado templo.

Além dos colchios e saspíres que estavam estabelecidos na Armenia, Herodoto cita o povo dos matienos, que residiam na Atropatene e n'outros districtos, precisamente onde hoje vivem os kurdos.

Estes matienos eram de origem iranica. Herodoto colloca os armenios na região occidental que se estende desde a parte superior do Euphrates até ás immedições da Phrygia. Segundo a tradição antiga, vieram d'esta, formando parte d'aquelles numerosos povos que partindo da península dos Balkans invadiram a Asia menor, deixando ter-se estabelecido na citada região nos tempos dos ultimos reis assyricos.

Uma parte dos alarodios foi empurrada para o norte, e a outra submettida. É por esta razão, que nas inscrições de Sargão (721-704) nos encontramos com um nome de procedencia ario-armenica, o do deus Bagamachtuv, ou do rei Bagadati, de Mildich. Nas inscrições dos reis persas chama-se ao povo Armina e não Urartu, nome que se encontra unicamente nas traducções babilonicas e scythicas do texto persa.

Os armenios chamavam-se a si mesmos Haik (senhores) porque, como os medos iranicos, tinham conseguido dominar a antiga população.

O que hoje sabemos de positivo ácerca dos acontecimentos anteriores ao estabelecimento dos Haik, devemos-lo ás inscrições assyricas. Os territorios do sul da Armenia que confinavam com a Assyria e a tantas vezes citada região de Nairi na parte superior do Tigre, foram submettidos desde tempos muito remotos pelos reis d'aquelle imperio. Teglatphalasar I, o rei mais antigo de que possuímos noticias circumstanciadas e documentadas, já se envaidece de ter imposto aos reis de Nairi um tributo de 1200 cavallos e 2000 bois. Penetrou nos territorios do principado de Mildich, onde se viu obrigado a abandonar os seus carros, por causa do paiz ser muito montanhoso, não sem que tivesse incendiado muitas povoações e recebido tributo.

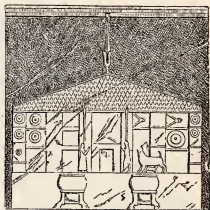
O facto de os reis que se seguiram a Teglatphalasar terem de combater constantemente os nairis, prova claramente que essa victoria não foi duradoura.

Não longe das origens do Subeneh-Su e da aldeia de Karkar encontrou-se uma imagem de Teglatphalasar (que não reproduzimos, porque os leitores já a conhecem) com uma inscrição; outra, descoberta em Kala Shergat, refere-se á sua erecção junto ao Supnat.

Asur-nasir-habal (882-857) tambem conseguiu o pagamento de um tributo dos armenios da parte meridional; absteve-se, contudo, de atacar a parte mais poderosa, Urartu.

Estas regiões já deviam estar muito povoadas n'esse tempo, segundo se deprehende do numero de cidades, das quaes Asur-nasir-habal tomou 250.

O successor d'este, Salmanasar (857-829), penetrou ainda mais para o interior do paiz, travou lucta com Arumi de Urartu, chamado Arame nas inscrições alarodicas de



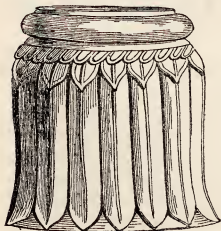
Templo de Haldia em Musasir.

Van, arrazou a sua principal fortaleza, Subaniga, e muitas cidades, e apoderou-se da capital Arnia, junto ao rio Turnat.

Metade do reinado de Salamanasar V (780-770) passou-se em guerras contra a Armenia, e conservam-se tambem descripções pormenorizadas das sustentadas com Sardu de Urartu por Teglatphasar II (744-726). Sardu alliou-se com o principe de Kumuk, junto ao Tigre, mas foi derrotado e aprisionado na cidade de Thurus, perto do lago de Van, onde pediu misericórdia. O vencedor erigiu a sua estatua no centro da cidade, mandou muitos armenios para a Assyria e fundou na Armenia uma cidade, onde os habitantes das serras foram obrigados a residir.

A Armenia é citada com muita frequencia durante o reinado de Sargão (721-704). Ursa de Urartu, (o Hratcheai da tradição armenia,) colligou-se com Bagadati de Mildich e com os principes de Karalla, Sagartia e Van. Sargão aproveitou o desthronamento de Aza de Van para se apresentar como vingador d'este principe legítimo; prendeu Bagadati, que foi esfolado, e collocou Ullussun, irmão de Aza, no throno de Van; todavia, o novo principe tomou depois o partido dos seus parentes armenios e reconheceu a suzerania de Ursa. Sargão voltou com um exercito "numerozo como uma nuvem de gafanhotos", destruiu a capital de Nairi, Szirti, impoz um tributo ao rei d'este paiz na sua fortaleza de Kubuskia, e as gentes dos principes alliados foram deportadas. Ullussun continuou no throno, com a condição de pagar tributo duplo.

Ursa declarou guerra a Ullussun e tomou-lhe 22 povoações fortificadas, e este conspirou com Dayauku, governador de Van, cujo filho levou em refens. Sargão reconquistou as 22 povoações, dando assim a entender que considerava o paiz de Ullussun como territorio dependente do imperio assyrico.



Base de pedra de uma columna.
(Hamadan).

Ursana de Musasir, alliado de Ursa, fugiu *como uma ave* para as montanhas, e Sargão levou de Musasir, como despojos, os deuses Haldia e Bagamachtuv, o thesouro de Ursana, tres minas de ouro, 682 mulas, 125 cordeiros, pannos de linho e 816o prisioneiros. O principe fugitivo suicidou-se com uma adaga. Ursa intentou robustecer o seu poder em frente dos assyrios e alliou-se com Mita, rei dos moskos e com Kulli, rei dos tibarenos (Tabal), cujos dominios deviam estender-se muito para o sol no tempo dos assyrios; mas a acreditar no que diz Sargão, foram ambos vencidos e substituidos por um satrapa assyrico.

O rei vencedor viu-se tambem obrigado a suffocar em Milida uma insurreição, e a levantar ali fortificações a fim de proteger e enraizar as suas conquistas.

Ursa nunca mais poudeser vencido; os assyrios não conseguiram tornar a pôr pé nos seus dominios.

Os successores de Sargão, Senacheerib e Esarhaddão, tinham outras occupações; no seu tempo apenas se menciona uma guerra contra os minnos, estabelecidos junto ao lago de Urmia, na direcção do monte Zagros.

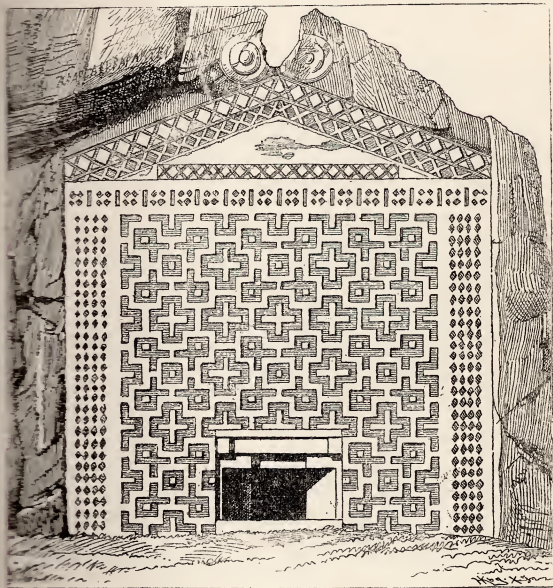
A partir d'essa epoca as forças armenicas ficaram unidas e, se a tradição armenica não mente, o seu rei Baroir colligou-se com um principe medo, Arbaces (80 annos antes de Dejoces) contra os assyrios.

Phraortes (e talvez só o seu successor Cyaxares) conquistou e incorporou a Armenia ao imperio medo-persa.

Phraortes, que já possuía vastos territórios, julgou-se com força bastante para acabar com o poder, ainda ameaçador, dos assyrios e declarou-lhes guerra; mas estes ainda conservavam a sua pericia militar, e Phraortes foi derrotado e morto n'uma grande batalha (635).

Ao morrer legou a seu filho Cyaxares (Huvaksatara) a vingança contra Ninive, em seus preparativos, feitos muito a occultas, aquelle principe passou os primeiros annos do seu reinado.

Cyaxares experimentou a pericia e o valor das suas tropas n'uma guerra contra os persas; depois de ter submettido este guerreiro e destemido povo, entabolou nego-



Sepulchro de Midas.

ciações com Nabopolassar da Babilonia, para ajustar uma alliança contra a Assyria. Este Nabopolassar, chaldeu de origem, era satrapa assyrico, pois, como é sabido, a Babilonia depois de longas e tenazes luctas para conservar a sua independencia, acabára por ficar submettida á Assyria.

A filha de Cyaxares foi dada em casamento, como pacto de alliança, a Nabuchodonosor, filho de Nabopolassar, mas antes de se emprender uma campanha decisiva contra a Assyria. Cyaxares teve que conter uma devastadora invasão dos scythas que acabavam

de atravessar o Caucaso. Compreendendo que a força d'estes, armados de arcos e achas, estava baseada na confiança absoluta que depositavam nos chefes, Cyaxares e os magnates medicos surprehenderam Madyas e os principaes capitães dos scythas n'um banquete, e depois de os embriagarem, assassinaram todos barbaramente; as tropas que ainda devastavam a Media, privadas de direcção, foram passadas á espada ou reduzidas á escravidão. Souo então a ultima hora de Ninive. Chaldeus e medos cercaram esta cidade, depois de muitos recontos infelizes; o Tigre auxiliou os sitiadores com a sua cheia e conseguinte ruptura das muralhas; as hostes entraram e destruíram-na tão completamente (625), que nunca mais poude ser reedificada.

Os scythas serviram de pretexto a Cyaxares para uma nova conquista. Uma parte dos que tinham sido expulsos foi acolhida por Alyattes, rei da Lydia, e tendo-se este opposto á sua extradacção, os medos reprehenderam a conquista da Lydia.

O reino da Lydia tinha o centro no valle do Hermos, onde, junto a um rio de segunda ordem, se levantava Sardes, sua capital. Os mais antigos reis d'este paiz são lendarios; entre os seus nomes ha muitos que são simples personificação de algumas tribus lydias, por exemplo, Lydo e Tyrrheno. Este, por causa de uma grande fome, enviou para o outro lado do mar uma colonia que chegou até á Italia, onde constituiu a nobreza etrusca, assenhoreando-se da primitiva povoação e introduzindo n'ella os costumes e crenças religiosas da Asia.

A estes antigos reis seguiu-se a dynastia fundada por Agron, que quer dizer *fugitivo*, e que é possível que tivesse sido irmão do rei da Assyria.

A Troade tambem estava submettida á influencia da Assyria, que mandou um exercito, commandado pelo kuchita Memnon, em auxilio do rei de Ilion (Troia), seriamente ameaçada pelos acheus (gregos).

N'aquella região, banhada pelas aguas do Scamandro, do Simois, do Thymbrio e do Granico, e atravessada pelas cordilheiras e serras do Ida, vivia um povo, em epoca prehistorica, cujas relações com os paizes do Oriente, principalmente com a Syria, conhecemos muito bem pelas antiguidades encontradas em Troia.

Os instrumentos musicos de pedra e marfim parecem proceder dos thracios, aos quaes os hellenos attribuem a invenção da poesia e do canto. O marfim foi talvez importado da Mesopotamia, onde, segundo os dados fornecidos pelas inscripções egypcias e assyricas, havia elephantes no seculo XII; o cobre e o bronze, encontrados em abundancia, demonstram que os habitantes da Troade commerciavam com a ilha de Chypre, e o antiquissimo e primitivo alphabeto troiano mostra-nos tambem claramente que aquelle paiz manteve relações com esta ilha e com a Syria, relações que datam de tempos anteriores ás viagens dos sidonios e tyrios.

Depois da destruição de Ilion, os eolios do Peloponeso, que foram expulsos d'ahi pelas tribus doricas, passaram para a Troade (seculo XII), onde, sobre as ruínas da antiga cidade, fundaram outra nova.

O ultimo rei da dynastia lydia, acima mencionada, Kandaules, foi assassinado por Gyges, a instancias da mulher d'elle, e este fundou a dynastia dos Mermnades (687). Gyges viu-se obrigado a reconhecer a suzerania do imperio assyrico.

Nos annaes de Assurbanipal lê-se o seguinte:

“(669-626) Gaggû, rei de Luddi, paiz remoto de que não tiveram nenhuma noticia os reis meus predecessores, teve conhecimento da magnitude do meu imperio por um sonho que lhe enviou Assur, o deus que me deu a vida. Mandou-me embaixadores para m'o dar a conhecer, e submetteu ao jugo da minha

auctoridade e ao imperio de Assur e Istar, as divindades, meus senhores, o povo dos gimirros (*cimmerios ou scythas*) que lhe tinham devastado o paiz e que não tinham reconhecido os meus antecessores; e enviou-me dois chefes carregados de cadeias de ferro e de bronze. Apesar dos embaixadores terem sollicitado a minha amizade, Gaggu faltou á sua palavra e alliou-se com o rei de Musuri (*Psammetico do Egypto*) para sacudir o meu jugo, mas Assur ouviu a minha supplica, e Gaggu foi morto pelos gimirros que lhe tornaram a devastar os Estados, subindo ao throno seu filho Ardis (652), que se me submetteu..

A Lydia intentou depois a conquista da Asia menor. As cidades gregas situadas na costa foram submettidas por Sadyattes e Alyattes; em seguida cahiu em seu poder a Phrygia, essa antiquissima terra de civilisação, encravada no centro d'aquella região e da banda de cá do rio Halys; cuja riqueza deu origem á fabula grega do rei Midas, e de cuja velha cultura tão especial dão prova os sepulchros dos seus reis, ainda hoje existentes; depois seguiu-se a Capadocia, territorio limitrophe do reino medico. Apenas conservaram a sua independencia as costas meridionaes, Lycia, Pisidia e Cilicia.

Cyaxares marchou contra a Lydia, mas o valor do inimigo fez com que a empresa fracassasse; depois de elle morrer, seu filho Astyages continuou a guerra.

Após longo tempo de lucta, o rei da Babylonia, que devia ter interesse especial em não permittir que o poder dos medos augmentasse muito, e Syenesio, rei da Cilicia, celebraram um tratado de paz, (que se firmou e sancionou com o casamento de Aryenis, filha de Alvattes, com Astyages,) e para o qual contribuiu um eclipse do sol (28 de maio de 585) em que a superstição dos soldados julgou ver um aviso de Deus.

Durante o reinado de Astyages, os reis da Lydia augmentaram consideravelmente os seus dominios com conquistas novas; a Babylonia fixou as suas fronteiras ao norte, diligenciando reunir todos os povos de origem semitica n'um grande Estado. Astyages, que ao principio era um principe de grande ponderação, entregou-se depois a vida destregada, por causa dos thezouros que trouxe da Assyria.

Os dominadores que convencidos da sua fraqueza julgam poder sustentar aos olhos dos subditos, e mediante medidas despoticas, a sua auctoridade, quebrantada pelo espectáculo dos seus vergonhosos vicios; durante algum tempo o temor consegue conter as insurreições; mas se n'uma occasião de desespero apparece um homem de valor, que saiba captar as boas graças dos descontentes, entre os quaes quasi sempre figuram em primeiro lugar, os que rodeiam o monarcha, esse homem apodera-se facilmente da soberania e é aclamado por todos como libertador.

Astyages passava por ser um rei voluptuoso e cruel, de modo que o descontentamento dos medos devia ter dado animo ao joven Cyro, filho do principe dos "persis", tribu da Media, para impôr a suzerania a todos os povos do reino medico.

Astyages casara sua filha Amytis com um magnate medico, Spitamas, ao qual, por esta razão, deu o direito de successão ao throno, privilegio que, com certeza, enfureceu todos os outros ambiciosos magnates medicos.

Harpagos, um dos mais distinctos nobres, irritado com a crueldade do rei, entrou em relações com Cyro e apresentou-lhe como coisa facil o triumpho sobre o tyranno, mas Cyro não lhe devia satisfazer completamente a sede de vingança.

Arvore genealogica dos Achemenidas

